

Imortalidade

Tradução de Meiko Shimon

Um homem idoso e uma jovem caminhavam juntos.

Notavam-se vários aspectos estranhos nos dois. Embora aparentassem uma diferença de cerca de sessenta anos, nenhum deles parecia ter consciência disso e caminhavam como se fossem namorados. O velho era quase surdo. Não podia ouvir quase nada do que a moça falava. Ela vestia um quimono roxo e branco de listras finas em forma de setas e um *hakama*¹ bordô-violeta. As mangas do quimono eram um pouco longas². O velho vestia um traje semelhante ao que era usado pelas mulheres carpideiras do plantio de arroz. Contudo, ele não usava o protetor do dorso das mãos nem as perneiras. Seu quimono curto de algodão de mangas retas e as calças largas com elástico nos calcanhares pareciam mesmo um modelo feminino. Eram largas demais para seu quadril magro.

Avançando um pouco mais sobre o gramado, depararam com um telão de arame muito alto. Caminhando em sua direção acabariam por esbarrar nele, no entanto, enamorados que estão, pareciam não enxergar o telão. Os dois nem pararam. Atravessaram o telão de arame com a leveza, de uma brisa ...

Só depois de atravessá-lo, a moça pareceu ter reparado no telão.

Fez, "Ué?" e olhou perplexa para o velho. — Sr. Shintarô, o senhor também consegue atravessar o telão?

O velho nada ouviu.

Porém, ele agarrou a tela feita de arame trançado e sacudiu-a. "Seu desgraçado! Desgraçado!" O excesso de força dos braços empurrou o enorme telão, deslocando-o, e o velho cambaleou ainda agarrado nele, quase caindo para frente.

— Cuidado, querido! O que foi? — Ela enlaçou-o para sustentá-lo.

— Solte o telão ... Como o senhor ficou leve.

O velho conseguiu firmar-se e ficou ereto. Respirava fundo, com dificuldade.

— Ufa! Obrigado! — Ele voltou a agarrar o arame trançado. Porém, desta vez com uma mão só e de leve ... E falou alto como acontece

¹*Hakama*: calças largas e pregueadas de traje típico japonês.

²Sinal de que se é uma moça solteira.

com as pessoas surdas. — Eu, dia após dia, fiquei catando as bolas atrás deste telão. Durante dezessete longos anos, bah!

— Só dezessete anos é muito? É pouco!

— Uma atrás da outra, eles mandam as bolas sem parar, só porque têm vontade de tacar, cachorros! A bola faz um barulho, quando bate na tela. Até conseguir me acostumar, eu levava um susto e encolhia a cabeça. Por causa desse barulho é que fiquei surdo. Que telão desgraçado!

O telão de arame era para proteger os catadores de bolas, no campo de treinamento de golfe. As rodas embaixo permitiam movimentá-lo para todos os lados. O campo de golfe e o de treinamento, ao seu lado, estavam separados por uma área arborizada. Antigamente tudo isto era um bosque de considerável extensão de vegetação diversificada, mas fora derrubado, restando apenas uma alameda de aspecto irregular.

Deixando o telão para atrás, os dois caminhavam.

— Que saudades! Ouço os rumores do mar. — Desejosa de fazê-lo ouvir estas palavras, a moça encostou sua boca no ouvido do velho. — Estou ouvindo os rumores tão saudosos, do mar!

— Quê? ... — O velho cerrou as pálpebras. — É o doce hálito, da Misako, minha querida. É o mesmo hálito de outrora.

— Não está ouvindo o barulho do mar, tão saudoso?

— Mar. Que mar ...? Saudoso ...? Por que sente saudades do mar em que você mesma se atirou?

— Sinto saudades, sim! Voltei para minha terra natal, depois de cinquenta e cinco anos e, então, o senhor também tinha voltado. Sinto saudades, sim! — O velho não ouvia mais, mas ela continuou. — Foi bom eu ter me atirado no mar. Assim como naquele tempo em que me atirei, sempre, sempre, eu posso ficar pensando no senhor ... E além do mais, minha memória e recordações, só as tenho até os dezoito anos. O senhor é eternamente jovem pra mim ... e, por isso, o mesmo acontece ao senhor. Se eu não tivesse me jogado aos dezoito anos, e tivesse retornado para esta terra, agora, para me encontrar com o senhor, eu seria uma velha, não é? Que horror! Eu não poderia encontrar-me com o senhor.

O velho falou, como num solilóquio de um surdo. — Eu fui para Tóquio e perdi tudo. Fiquei velho e aniquilado, voltei para minha terra. Há muito tempo, uma moça desesperada por ter sido forçada a romper comigo se atirou de um precipício ao mar. Eu pedi um emprego, no campo de golfe que fica junto a esse precipício. Implorei ... e me deram, por piedade ...

— Este campo em que agora estamos caminhando era a propriedade da sua família, não era? com os morros e bosques e tudo.

— Eu só podia trabalhar de coletor de bolas. Sofrendo as dores da coluna já encurvada ... Acredite, houve uma moça que se atirou no mar por

amor a mim. O penhasco fica logo aí, posso saltar também apesar de minhas pernas bambas. Era isto que eu pensava.

— Oh, não! Seja forte e continue vivendo ... Se o senhor morrer, não terá mais ninguém neste mundo que se lembre de Misako, como o senhor. Não vê que assim eu vou morrer de verdade? — Ela suplicava, agarrando-se a ele, mas o velho não ouvia.

No entanto, abraçou a moça que se agarrava a ele.

— Sim, é isso! Vamos morrer juntos! Desta vez ... Você veio para me buscar, não é?

— Juntos ...? Oh, não! O senhor deve viver. É pra mim ...

Ela levantou os olhos por cima do ombro dele e, exclamou,

— Olhe, aquelas árvores grandes, ainda estão aí! Todas três, como antigamente. Que saudade!

Como ela apontasse, ele também dirigiu o olhar para as três árvores gigantes.

— Os freqüentadores do campo têm medo daqueles pés, querem cortá-los. Dizem que as árvores têm força misteriosa e atraem as bolas, fazendo-as desviar para a direita.

— Esses jogadores de golfe vão morrer todos, cedo ou tarde. Muito antes das árvores que permanecem aqui por centenas de anos. Dizem essas coisas sem saber da brevidade da vida humana.

— Essas árvores gigantes vinham recebendo os cuidados de meus ancestrais há centenas de anos. Por isso, eu vendi este terreno com a condição de não cortá-las jamais.

— Vamos. — Conduzido pela mão da jovem que se apressava, o velho aproximou-se trôpego das árvores gigantes.

Ela passou, deslizante, através do tronco de um dos pés. Ele também passou.

— Oh! — Estranhando, ela examinou o velho. — Sr. Shintarô também está morto? Desde quando?

— ...

— Está morto mesmo! Verdade ...? Não nos encontramos no mundo dos mortos. Estranho, não é? Agora vamos, mais uma vez, atravessar o tronco para certificar se está vivo ou morto. Se o senhor realmente está morto, nós podemos entrar para dentro da árvore, para sempre. Está bem?

Desaparecendo no interior do tronco da árvore gigante, o homem idoso e a jovem não mais retornaram.

Por trás dos três pés imponentes, entre as árvores mais delgadas, começaram a pairar as cores do entardecer, e o céu, além do murmúrio do mar, tingia-se da tênue cor purpúrea. **(Fushi, 1963)**